

MICROSCÓPIO

O MEU GO- VÊRNO...

24. IV. 54

Raul Pilla

OS MONARCAS são os que, referindo-se ao govêrno que exercem, ou de que são parte mais ou menos ativa, falam pessoalmente no seu govêrno. Antigamente, na era do absolutismo, o govêrno era propriedade do soberano e se pretendia diretamente recebido das mãos de Deus; o povo apenas sofria o govêrno. Depois, na era da monarquia parlamentar, passou o govêrno para as mãos do povo e reduziu-se o monarca a mero símbolo da unidade e da soberania nacional e, por isto, pôde êle continuar a falar, sem impropriedade, no seu govêrno, isto é, no govêrno que não exerce, mas preside e, sendo o govêrno da nação, é também, simbòlicamente, o govêrno da pessoa que a incarna.

Chocante, porém, torna-se esta linguagem nos lábios de um presidente de República, principalmente se esta é presidencial. O presidente não tem govêrno, não é dono de govêrno: apenas exerce o govêrno, como o mais alto e, por certo, o menos estável dos funcionários públicos. O govêrno é da nação, é do povo, é de todos nós, tanto os que o combatemos, como os que o apoiamos.

Seria, pois, de muito mau gôsto, sòmente, a insistência com que o sr. Getúlio Vargas fala no seu govêrno, se ela não tivesse um sentido profundo e grave. O que, em verdade, se encontra, naquele simples e reiterado possessivo de só três letras, é a caracterização de um homem e a definição de uma filosofia política: o homem pertence à rica e variegada galeria do caudilhismo latino-americano; a filosofia é a do poder pessoal, que no absolutismo teve a sua mais completa expressão.